

DOS CHANS A SUZANO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE GÊNERO, PODER E IDENTIDADE

Vitória Cristina Gomes¹
Paulo Henrique Apolinário²

RESUMO: O presente texto analisa os webespaços extremistas, com foco no caso do massacre de Suzano, cujos autores frequentavam o fórum "Dogolachan". A análise fundamenta-se na teoria da Análise do Discurso (AD) de matriz francesa, que considera o sujeito social, os sentidos históricos e o discurso como manifestação do corpo social dominante. Utilizando conceitos de Althusser e Foucault, discute-se a relação de poder na sociedade como interdependência entre infraestrutura e superestrutura, bem como a constituição histórica e ideológica do sujeito. A discussão amplia-se para compreender como discursos de gênero e poder moldam identidades e subjetividades, apontando o impacto histórico de relações de opressão, como discutido por Engels e Foucault, ao relacionar práticas discursivas à constituição da subjetividade e identidade dos sujeitos.

Palavras-chave: Discursividades; "Dogolachan"; Massacre; Machismo; Identidades.

ABSTRACT: The present paper analyzes extremist webspaces, focusing on the case of the Suzano massacre, whose perpetrators frequented the "Dogolachan" forum. The analysis is based on the French Discourse Analysis (DA) framework, which considers the social subject, historical meanings, and discourse as manifestations of the dominant social body. Drawing on the concepts of Althusser and Foucault, the study discusses the power relations within society as an interdependence between infrastructure and superstructure, as well as the historical and ideological constitution of the subject. The discussion broadens to understand how gender and power discourses shape identities and subjectivities, highlighting the historical impact of oppressive relations, as discussed by Engels and Foucault, by linking discursive practices to the constitution of subjectivity and individual identity..

Keywords: Discursivities; "Dogolachan"; Massacre; Sexism; Identities.

1 - INTRODUÇÃO

Certos meandros da internet são, muitas vezes, repositórios hiperbólicos de medos, frustrações e relações de poder da sociedade. Tais grupos, em suas câmaras de eco, propagam e alimentam discursos de ódio com pouco ou nenhum tipo de regulação. No intuito de ampliar o debate sobre essa temática, o presente artigo pretende estabelecer um diálogo-analítico sobre esses webespaços extremistas ocupados, em sua maioria, por jovens e menores de idade. Analisaremos especificamente a publicação feita pelos autores do massacre de Suzano, Guilherme Taucci Monteiro, de 17 anos e Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, que frequentavam um fórum chamado “dogolachan”. Examinaremos como esses grupos produzem sentidos de amplificação de discurso de ódio e uma relação de identificação com seus usuários.

Em nossa incursão teórica, ancoramo-nos, principalmente, nos estudos da Análise do Discurso de matriz francesa (AD). Em sua empreitada teórica, a AD investiga, sobretudo, as formações discursivas e os processos de produção de sentidos, evidenciando os efeitos de sentido que atravessam o discurso e suas condições de produção. Assim se voltam, para a investigação do sujeito, história e linguagem entendidos como processos de base histórica e materialista. Ou, como pontua Althusser (2023), “o sujeito é resultado de uma estratégia de poder que vigia e ordena os corpos através do aprisionamento e da domesticação das almas”, (Althusser, 2023, p.56).

Em uma visão althusseriana/marxista, que mais tarde serviu de ponto de partida para Pêcheux sustentar sua teoria do discurso, entendemos a relação de poder na sociedade como uma interdependência entre a infraestrutura e a superestrutura. A infraestrutura refere-se à base econômica da sociedade, que inclui as forças produtivas e as relações de produção, enquanto a superestrutura engloba

as instituições, ideologias, e formas de consciência que emergem dessa base econômica (Althusser, 2023). Não obstante, partindo desse ponto – sem perder de vista esses micro espaços de poder e discurso na web – interpretamos também o mecanismo de poder como algo pulverizado na sociedade, o qual reverbera, em relações e espaços menores, a estrutura de poder dominante.

Na obra *Arqueologia do Saber* (1969), o filósofo Michel Foucault discute a ideia de como certos saberes se tornaram hegemônicos enquanto outros se obscurecem ao longo da história. Portanto, a constituição histórica do sujeito é produzida por intermédio do conhecimento desses saberes. Nesse sentido, o sujeito é derivado pelas práticas discursivas e está submetido à produção intelectual do momento em que se encontra. “As posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”, (Foucault, 1969, p.58)

Embora Michel Foucault e Michel Pêcheux partam de perspectivas teóricas distintas, é possível estabelecer pontos de interseção produtivos entre suas abordagens na Análise do Discurso. Foucault investiga o discurso a partir da noção de práticas discursivas, destacando como estas configuram regimes de verdade e moldam os sujeitos por meio das relações de saber e poder (Silva; Silva, 2017). Já Pêcheux, inserido em uma tradição materialista e althusseriana, enfatiza o discurso como lugar da interpelação ideológica, em que os sujeitos são posicionados em formações discursivas determinadas historicamente. Apesar dessas diferenças, ambos os autores rejeitam a ideia de um sujeito autônomo e transparente, compreendendo-o como um efeito das condições históricas e discursivas que o constituem. Essa convergência possibilita uma abordagem que não apenas reconhece a historicidade dos discursos, mas também investiga como esses discursos operam na reprodução e na contestação das ideologias dominantes (Silva; Silva, 2017). A integração dessas perspectivas auxilia na investigação dos processos de subjetivação e resistência dentro dos discursos contemporâneos, principalmente no que tange aos temas deste texto. Enquanto Foucault permite compreender a

constituição dos sujeitos a partir das práticas discursivas e institucionais, Pêcheux contribui para a análise das tensões ideológicas que atravessam essas formações discursivas, evidenciando os mecanismos de identificação e contradição nos discursos. Dessa forma, ao articular essas duas vertentes, podemos ampliar nossa compreensão sobre os modos pelos quais os discursos constroem realidades e subjetividades, sem perder de vista os efeitos de poder e os processos de resistência que neles se inscrevem. Assim, essa relação teórica pode enriquecer a análise proposta em nosso artigo, oferecendo ferramentas metodológicas para explorar as dinâmicas entre linguagem, história e ideologia de maneira mais complexa e abrangente.

Ademais, a análise foucaultiana se assemelhou ao estudo teórico do sujeito definido por Althusser, que estrutura as bases ideológicas da relação do sujeito com o mundo. “O objeto da ideologia não é o “mundo”, mas a relação do sujeito com o mundo ou, mais precisamente, com suas condições reais de existência” [...] (Althusser, 2023, p.43). Além de Althusser, constituir a percepção de que esses sujeitos estão submergidos a uma ordem ideológica dominante, mecanizadas no sistema em forma de poder. Partindo desse pressuposto, entendemos que os acontecimentos que antecederam o massacre de Suzano estão emergidos na concepção de assujeitamento, uma vez que, os webespaços frequentados pelos autores do crime são condicionados aos discursos de ódio. E portanto, criam um sentimento de pertencimento a esses sujeitos que frequentam os fóruns, moldando uma identificação com os discursos enunciados nesses ambientes.

Por derradeiro, outrossim as comunidades extremistas, o universo dialético dos autores dos assassinatos, transcorreu o que chamamos de capitalização da masculinidade na indústria cultural, é por consequência vender, um estilo estético-político do que seria a idealização de um “homem”. Nessa perspectiva, as praxes de vida são atribuídas a produtos de consumo de uma sociedade, categorizando a arte e a cultura para atender as demandas do capitalismo tardio (Adorno; Horkheimer, 1985). Um exemplo disso, é os grupos masculinistas conhecidos como, MGTOW,

Redpill, e Incel, que se autointitulam como homens que se despertaram contra a dominação feminina, conforme reportado pelo (G1, 2023).

Cada grupo, tem uma filosofia de vida diferente, os Red pills utilizam a analogia da pílula vermelha do filme “Matrix” para exemplificar o despertar do homem contra o sistema que favorece as mulheres. Os MGTOWs é uma abreviação de “man going their own way” que significa “homens seguindo seu próprio caminho” trata-se de um movimento radical contra a opressão feminina. Eles acreditam que toda mulher é nociva aos homens e que elas só servem para atrapalhar a jornada masculina. Já os Incels, vêm de um conceito de “celibatários involuntários”, eles culpam as mulheres por não conseguirem ter relações sexuais e endossam violência contra qualquer grupo sexualmente ativo. Todos esses grupos, estão paralelamente ligados à *manosphere*, que traduzido do inglês representa “machosfera”, um movimento masculinista, cujo objetivo era combater o feminismo, no início dos anos 1980. Com a vinda da internet e das redes sociais, esses homens passaram a atuar de forma anônima na web, e mais tarde tiveram como inspiração o escritor e blogueiro Ian Ironwood, conhecido por disseminar opiniões sobre masculinidade e comercializar pornografia infantil nessas comunidades. Com o tempo, a machosfera tornou-se algo para além do homogêneo e consensuado, se dividindo em facções masculinistas de nerds, alphas, betas, e conservadores, unidos contra a misandria, e posteriormente atuando no chans, twitter, youtube, facebook, e reddit em prol de lutar contra uma guerra cultural.

Tendo em vista estes percalços, o presente artigo tem como objetivo analisar como os aparelhos produtivos e reprodutivos de Estado, culminam na consequência e produção de uma coletividade ideológica dominante, ou seja, como o sujeito torna-se prisioneiro de uma ordem discursiva vigente. Nesse parâmetro, discutiremos como os fóruns extremistas da internet tiveram uma influência tênue e avassaladora que resultou no “Massacre de Suzano” em 2019. Além disso, examinaremos o “post” feito por um dos autores no site da “deep web” intitulado como “dogolachan”, fundamentados na teoria da Análise de Discurso de (AD), de matriz francesa, que

estuda a relação do sujeito com a história, linguagem e discurso. Ampliaremos a discussão para os estudos de gênero e como o poder cultural vigente pode moldar as identidades de cada sujeito.

2 - DISPOSITIVO ANÁLITICO

Para a análise do material selecionado, partiremos de uma pesquisa qualitativa, documental e bibliográfica. Segundo Gil (2002), a pesquisa documental assemelha-se à pesquisa bibliográfica, contudo, a diferença entre elas está na natureza das fontes. "Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico" (Gil, 2002, p.45). Dessa forma, são passíveis de análise materiais produzidos na internet, como as postagens em grupos da internet. A análise qualitativa desse material tomará como base o dispositivo analítico da Análise do Discurso de matriz francesa. A pesquisa bibliográfica será utilizada, sobretudo, na revisão bibliográfica. O material analisado, doravante chamado de corpus, segue uma análise que não se busca um estudo exaustivo de todo o material. Isso porque, como mostra Orlandi (2009, p. 62), "ele é inesgotável. Com efeito, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes". Realizaremos, portanto, recortes na superfície linguística (material bruto) (Orlandi, 2009) seguindo a metodologia proposta pela AD.

Corriqueiramente, será realizado uma revisão bibliográfica aprofundada da principal obra e estudo que abordam a análise do discurso de linha francesa, com destaque para o trabalho de Louis Althusser e suas contribuições para os mecanismos de produção de sentido e ideologia. Além disso, serão revisitados textos

e pesquisas que discutem com as ideias de machismo, teorias masculinistas, identidade, identitarismo e fóruns extremistas habitados pelos autores do massacre de Suzano, dialogados com os estudos de gênero, sexualidade e técnicas de poder do autor Michel Foucault. Todavia, tomaremos como pesquisa a noção de entendimento da formação da família, da propriedade privada e do Estado difundidas por Friedrich Engels, para compor o surgimento das relações de opressão patriarcal histórica com as práticas discursivas que conduz a subjetividade e identidade de cada indivíduo. Conforme afirma em seu livro, “Ao transformar todas as coisas em mercadorias, a produção capitalista destruiu todas as antigas relações tradicionais e substituiu os costumes herdados e os direitos históricos pela compra e venda, pelo “livre contrato” (Engels, 2023, p.96). Esta etapa, tem como objetivo consolidar o referencial teórico que vai orientar a análise subsequente, proporcionando uma base sólida de interpretação.

Na etapa subsequente, serão conduzidos exercícios de análises discursivas aplicados ao “print” de uma das conversas feita por um dos autores da chacina de Suzano no fórum “dogolachan” utilizando ferramentas metodológicas da análise de discurso francesa, estudos acerca do gênero, identidade e vínculos de opressão. O foco do artigo estará na identificação e interpretação de estruturas discursivas que caracterizam o modo de vivência de cada indivíduo que se conectam em ambientes que defendem qualquer forma de violência, como sentido de manter a sociedade em “Status quo”, permanecendo em uma narrativa do “nós” contra “eles” utilizando a punição, como feição de redenção divina. Por meio dessa abordagem, busca-se, revelar as estratégias pelas quais esses fóruns participam da construção de realidades alternativas, contribuindo para o aprofundamento do entendimento do sujeito com o mundo.

3 - PATRIARCALISMO, IDENTIDADE E RELAÇÕES DE PODER

Engels busca discutir a ideia do surgimento da família, da propriedade privada e do Estado para além das relações de microssistemas de poder de uma

estrutura da sociedade, mas também formula como as dinâmicas sociais, pré-estabelecem um conjunto de identitarismo a partir das relações de dominação do sujeito com o outro que atravessam o tempo.

A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos. Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande processo histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período - que dura até nossos dias - no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros. (Engels, 2023, p.79)

Reforçando esse mesmo pensamento, Michel Foucault argumenta em seu livro *História da Sexualidade: Cuidados de Si*, que o sujeito é interposto pelo historicismo dentro das práticas sexuais que constituem a vida cotidiana. O autor diz que o indivíduo é constituído por técnicas de poder e aparelhos discursivos que o permeiam, mas que o próprio sujeito também é agente da constituição da sua subjetividade. Essas discursividades das técnicas de si, para Foucault, estariam associados na operação de saberes e poderes, que resultariam na produção de subjetividades e seriam restabelecidas como identidades e modos de vida. Ou seja, o modo que vivemos e como somos perpassados pela discursividade, produz o sujeito de ação moral que resulta na formação de sua identidade.

Ao estabelecer esse conceito, pode-se, paralelamente destacar que, as visões de mundo constituem a subjetividade de cada indivíduo, a partir dos conteúdos que consomem, e como são interpelados pelos processos culturais vigentes. Um grande exemplo, é o nascimento do patriarcalismo na comunidade, que teve sua origem na formação da família, com relações sócio-biológicas que atravessam a produção de consumo, a política, a legislação e a cultura, e se introduz institucionalmente na formação da propriedade privada. Vejamos um exemplo na história brasileira, em

sua obra *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre (2006) aborda o contexto dos modelos patriarcais na sociedade colonial e imperial por meio da organização familiar e social, que estruturava-se cotidianamente em torno das casas-grandes. Para Freyre, as casas-grandes retratava toda a integralidade de um sistema econômico, social e político daquele recorte histórico, passando a ser palco das relações escravistas, e de violências de gênero praticadas pela elite colonial. Nessa perspectiva, entende-se, que o patriarcado e o machismo se constituíram diante de uma herança da ‘proteção da propriedade privada’ o que ditou as normas históricas e discursivas a partir desse momento ‘do que é considerado patrimônio e o que não é’ em outras palavras, tudo o que estivesse sob ‘domínio’ dos senhores de engenho instituiu-se conexões de poder guiadas pelo falocentrismo

De um ponto de vista amplo, a sistematização da cultura e propriedade, também constituíram uma discursividade de que a estruturação da sociedade, gênero e indivíduo deveria ser caracterizada e hierarquizada em formas de relações subalternizadas, definidas por raça, cultura, gênero e etnias, e ditou que quem teria o ‘poder em mãos’ era definida um certo gênero, que exalava uma padronização política-estética masculina. Por conseguinte, essa ambientação de ilustração histórica, pautou-se no impacto do discurso da produção identitária dos sujeitos, e a autora Eni P. Orlandi debruçou-se pesquisar sobre a subjetivação e linguística, afirmando:

[...] Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (Orlandi, 2015, p.13)

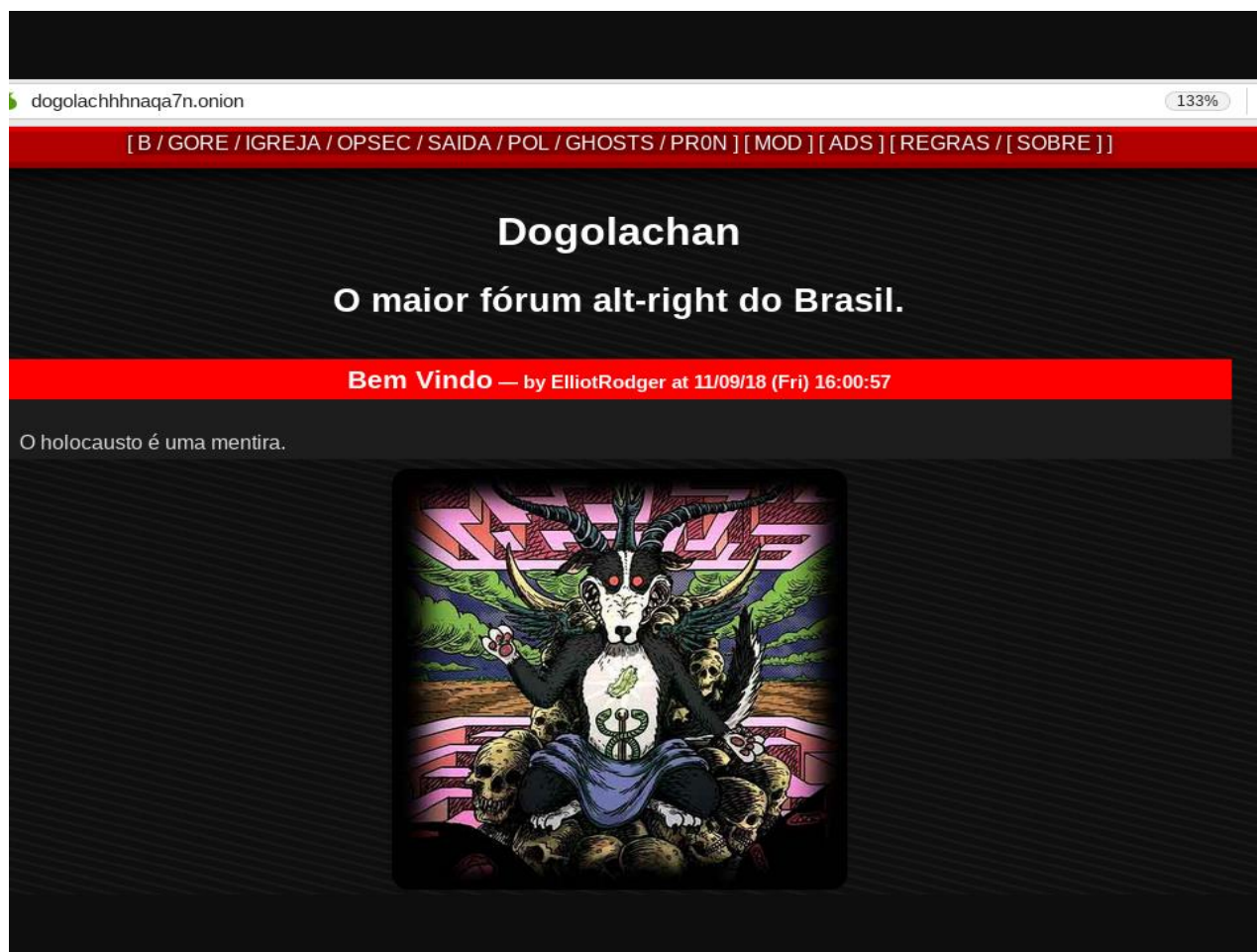
Dessa forma, compreende-se que, o machismo e o patriarcado estão na base da composição humana, desde os tempos remotos. Se, antes, a mulher era vista como igual ao homem, até em seu órgão reprodutor, depois das mudanças sociais

entre os gêneros, ela passou a ser vista como costume inferior. Sendo assim, entende-se, que a diferença entre os gêneros não volta-se somente para anatomia-fisiológica, mas para o sexo político-ideológico, que ordena disparidades comportamentais, sociais e políticas. Segundo o autor, Sérgio Gomes da Silva, o culto a masculinidade surge no século XIX, quando o sexo feminino começa a atormentar o imaginário social do homem burguês. Acontecimentos históricos como Revolução Francesa, que pregava ideais de liberdade, igualdade e fraternidade e posteriormente a Revolução Industrial, trouxeram uma desordem no homem burguês, que tentava veementemente consolidar uma masculinidade forte e hegemônica. Diante disso, o machismo marca uma temporalidade crucial, pois na medida que o homem tentava se reforçar através de sua masculinidade, uma crise da identidade foi-se formando. Na medida em que as mulheres desfrutavam de maior liberdade e conquistas dentro das classes de aristocracia burguesa, os homens cultivavam uma aversão ao contraste feminino, gerando uma mudança na forma de se vestir, falar e se comportar, tudo isso para não parecer ‘homossexual’ ou uma ‘mulher’. A identidade sexual e do gênero masculino, voltava-se para atender um modelo de homem-burguês-vitoriano-forte, que seguia as normas de caprichos daquela época, e consecutivamente deveria dirigir-se sua escolha afetiva e sexual ao sexo oposto, repelindo-se de todo sentimento homoafetivo e bissexual, o que famigeradamente gerou a decadência da masculinidade.

4 - CHANS, DISCURSIVIDADES E EFEITOS DE SENTIDO

O termo “Dogolachan” é formado morfologicamente pelas palavras “Dogola” e “Chan”. A palavra “Dogola” é atrelado a uma charge presente na internet, de um cachorro com uma aparência sorridente e pelagem branca. Esse animal é uma espécie de símbolo da organização. O neologismo “Chan” é uma abreviação da palavra channels que traduzindo, significa canais, e faz uma alusão aos fóruns digitais nos quais é possível publicar mensagens anônimas e criar temas de discussão. Para entendermos, o “Dogolachan” foi criado em 2013, por Marcelo Valle

Silveira Mello, como uma continuação da atuação dele no Orkut, com publicações de ódio contra a comunidade negra, em 2005. O fórum, dedica-se a postagens e discussões que flertam com neonazismo, racismo, pedofilia, antissemitismo, machismo e dentre outras violências contra as minorias. Vejamos abaixo, o símbolo utilizado na página oficial do fórum:



Fonte: Facebook (2019)⁵

De maneira geral, esses fóruns estabeleceram uma interconexão com seus usuários a partir de padrões históricos do produto da cultura de gênero, e do patriarcalismo instituído no constructo societário. Em um sentido mais amplo, o

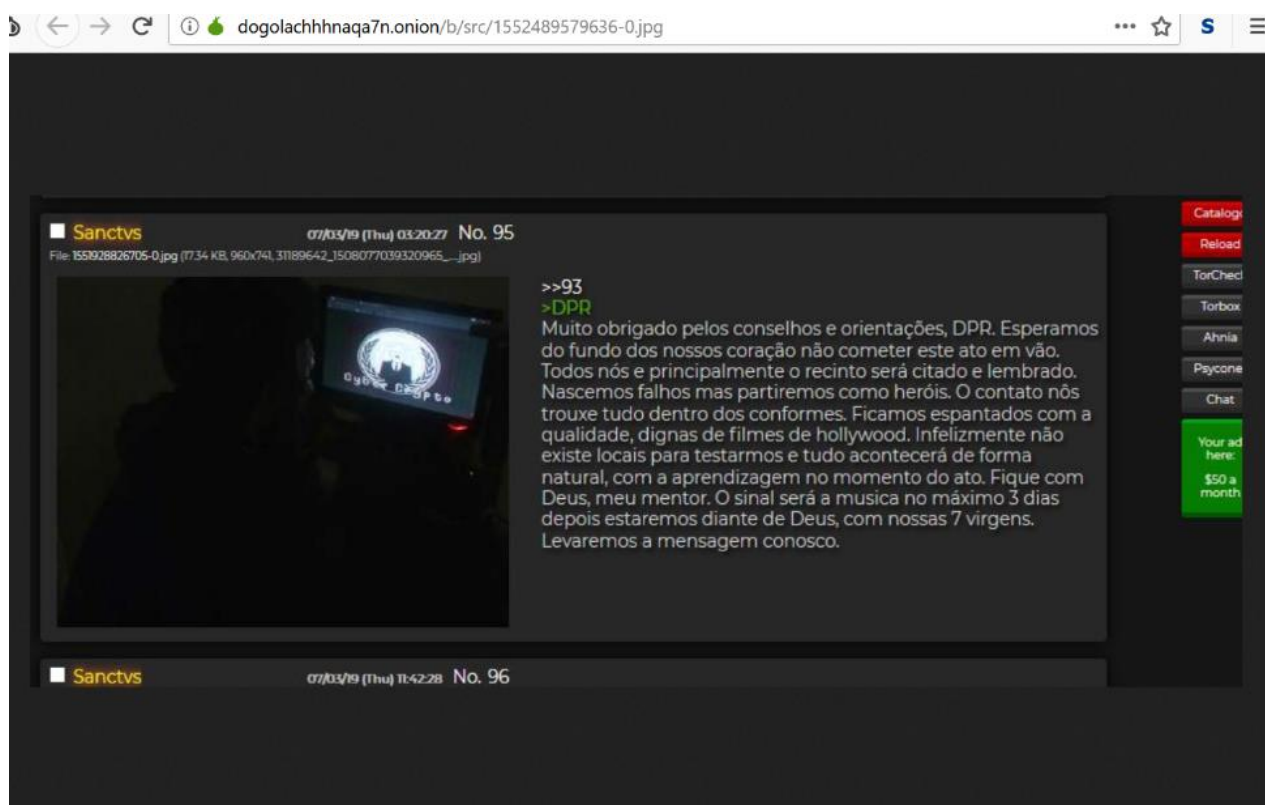
⁵ Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1927891047333765&set=pcb.1927895387333331>

gênero é entendido como figuras historicamente constituídas sob funções das anatomias dos corpos, atribuindo-lhes o conceito de “masculinidade” e feminilidade” para explicar a noção social, histórica, política e cultural de uma coletividade, imputando-lhes assim diferenças entre homens e mulheres. E portanto, atingido a formação subjetiva de suas identidades. Toda estética visual e textual que compõe o site, é uma referência simbólica e significativa tanto sincrônica quanto diacrônica para cooptar jovens de diferentes idades, que se sentem “deslocados do mundo” atribuindo-lhes uma narrativa de que “ali” é o lugar certo, do qual se sentirão pertencentes a um propósito maior. A fonte grande, as cores em vermelho e preto, o ‘cachorro’ representado da mesma forma emblemática que a figura de Baphomet⁶, assemelhando-se também ao desenho Mr. Pickles⁷, tudo isso configura na interpelação ideológica “O sujeito pensa que é a fonte do dizer pois este se apresenta como evidência” (Pêcheux, 2004, p.62). Dessa forma, os assassinatos foram resultados de uma transposição discursiva interposta por uma cosmovisão hegemônica. Vejamos o recorte progressivo desse resultado abaixo:

6 Figura pagã associada ao ocultismo, tem origem no século XIX na França. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/31/baphomet-quem-e-criatura-paga-com-cabeca-de-bode.htm> Acesso em: 25 mar. 2025

7 Desenho criado em 2014, conta a história de um cachorro satânico que gosta de matar, torturar pessoas, estuprar e fazer rituais ocultistas.



Fonte: Ponte.org (2019)⁸

Para o excerto acima, realizaremos o nosso recorte – a partir do referencial histórico e teórico abordado até aqui – de modo que a análise recairá sobre o seguinte corpus: “Nascemos falhos mas partiremos como herois”; “Fiquem com deus, meu mentor”; e “3 dias depois estaremos diante de Deus, com nossas 7 virgens. Levaremos a mensagem conosco”.

Na primeira frase evocada por um dos autores “Nascemos falhos e partiremos como herois” remete ao discurso mítico do pecado original cristão, por qual Adão desobedeceu a Deus, comeu do fruto proibido, que deu a origem da imperfeição humana e a existência do sofrimento e do mal, ao mesmo tempo, a frase alude ao heroísmo que categoricamente lembra a ordem dos cavaleiros templários, na época das cruzadas no século XI, que tinham como ‘missão divina’ expulsar e matar os recém-convertidos ao Islã do oriente, eles eram conhecidos como ‘pobres cavaleiros

⁸ Disponível em: <https://ponte.org/ataque-a-tiros-em-suzano-sp-e-comemorado-em-forum-racista-e-misogino-na-internet/> Acesso em 06, mar, 2025

de cristo' e eram lidos como salvadores da terra sagrada. Além disso, o discurso transfigura-se ao culto à masculinidade, pelo qual o atributo a palavra 'herois' subentende a virilidade e um ideal de um homem forte, caindo no mesmo pretexto do homem-forte-vitoriano do século XIX, indo de encontro a manifestações de poder falocêntricas do dominante e subalternizado. Na segunda frase, "Fiquem com Deus, meu mentor" faz uma menção diretamente ao discurso religioso, pela razão do qual o 'mentor' deles que seria equivalente a um 'profeta' está designando a 'missão divina' de combater a impureza e lascívia da humanidade perdida, como se os assassinos tivessem sido 'predestinados' a cumprirem uma 'profecia sagrada' equiparando-se ao que Althusser definia por ideologia religiosa "O indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do sujeito, para que aceite (livremente) sua sujeição, e, portanto que ele "realize por si mesmo" os gestos e atos de sua sujeição" (Althusser, 2023, p.116) ou seja, de uma forma mais branda as teses althusserianas nos relatam que o sujeito não é fonte nem a origem do dizer, que reproduz o já dito, o pré-construído, assujeitando-se a uma norma estabelecida em um determinado ambiente social, contudo, deliberamos que a crença no mentor conduz o paradigma de subordinação, entre os autores e seu instrutor.

Na terceira frase, "3 dias depois estaremos diante de Deus, com nossas 7 virgens. Levaremos a mensagem conosco" há claramente uma fusão de misturas de vertentes religiosas, pois ao mencionar que após três dias estarão diante de Deus evoca-se a passagem da bíblia sobre a morte de cristo na cruz e seu ressuscitamento em espírito em três dias, similarizando também aos versos do corão quando Maomé morreu em Medina depois de uma última peregrinação em Meca, categoricamente perante esse enunciado, é perceptível notar uma auto visão dos autores do crime a respeito de si próprios como "salvadores da humanidade" e que após o "sacrifício" árduo receberão uma retribuição pelos seus atos ao adentrarem no reino dos céus, combinando a interpretação religiosa cristã com o islã. Nota-se que em suas frases, há um conceito pairado no discurso fundamentalista, cujo sentido de 'efeito de

verdade' nessas estruturas produz dogmas religiosos que se opõe a toda narrativa de progresso, tomando a crença como única verdade indubitável. No entanto, percebe-se, os arranjos antropocêntricos constituído no texto ao citarem as sete virgens e desejarem algo que não possuíam em vida. Vemos então, que essa discursividade opera nos saberes e poderes produzindo uma identidade determinada pelo gênero masculino, que está interligada com a dominação patriarcalista e formas de poder pulverizadas, inserindo-se no panorama fetichista e mercadológico do capitalismo. A simbolização das virgens demonstra a erotização da figura da mulher, do corpo objetificado, e da recompensa ao cumprirem os mandamentos do 'mestre' além de depreender que são figuras desprovidas de intelecto, somente existindo para satisfazer o bel-prazer dos assassinos. A convicção masculina, meramente almeja alcançar um 'ideal feminino' que só existe no mundo das ideias e não na realidade concreta, voltando-se analogicamente a dialética das sociedades imperiais, centradas na subjugação do gênero masculino pelo feminino. No excerto "Levaremos a mensagem conosco" propaga-se a intenção inicial do "mentor" de reverberar a informação do massacre em vários meios de comunicação e, a partir disso, atrair outros jovens para cometer o mesmo ato, a mensagem no qual ele se refere acima é de serem lembrados como paladinos que se sacrificaram por uma causa maior.

E por conseguinte, os seguintes ditos "Esperamos do fundo dos nossos corações não cometer este ato vão" e "Todos nós e principalmente o recinto será citado e lembrado" aludem a intensa pretensão de cometer os assassinatos por acreditarem que estão fazendo algo certo, em defesa de lutarem por um elemento onírico, que comumente existe na imaginação dos frequentadores do site e do DPR nem que para isso tenham que morrer, como se estivessem combatendo contra uma guerra cultural ideológica, por qual de fato, subverte a narrativa colocando-os não como assassinos, mas como "vítimas" que tiveram que morrer e, "heróis" por que após o ato ficarão marcados pela história. Eles e o DPR querem ser lembrados na história, como "Guerreiros" que foram "mártires" porque dispuseram do seu tempo para combater o 'fantasma ideológico da esquerda' e tornaram-se 'lendários' pela

causa. No entanto, ainda se acharam no direito de tirar a vida dos alunos como se assim fossem uma espécie de “Deus” detentores do bem e do mal, da vida e da morte. O planejamento dos assassinatos foi, intrinsecamente, inspirado no ‘Massacre de Columbine’, em 1999, há 25 anos, quando os jovens Dylan Klebold, de 17 anos e Eric Harris, de 18 anos entraram na Columbine High School e, mataram 12 alunos e um professor, nos Estados Unidos. Da mesma forma que em Suzano, os jovens de Columbine foram cooptados por discursos supremacistas, misóginos e nazistas ligados pela ideia de que um homem viril precisa estar diretamente ligado a violência e a narrativas ritualísticas de poder. A vestimenta, a agressividade, o culto a armas e as formas de se portar em sociedade conduz a retórica de que o problema não está em si, mas sim no outro e, para isso é preciso extingui-lo através dessa construção discursiva soberana. As armas utilizadas, tanto nos dois crimes, é a representação ‘fálica’ do órgão reprodutor masculino, por qual, há uma emanção de autoridade por meio dela e, ao ceifarem a vida das vítimas mediante a esse objeto, torna-se, simbolicamente o ato de ‘penetração’ que categoriza pela ‘lei do mais forte’ ou pelo gênero determinante e, por assim, dá-se o processo de masculinidade predatória. Por fim, analisaremos o seguinte trecho feito pelo ‘moderador do fórum’ após o ataque de Suzano – “Somente através de derramamento de sangue e grandes tragédias que a sociedade desperta do seu estado ‘zumbificado’ e começa a notar a real existência de problemas enraizados culturalmente [...]” observamos na alocução a existência do fatalismo como saída de um mundo estagnado, ou seja, é a condução da dialética pura, mostrando as condições de poder, sendo gerenciadas pelo modus operandi em forma de seita, que resulta na dissociação dos usuários e, lidera-os para o deserto do real. Posto isso, identifica-se a presença de ressentimento do líder ao citar ‘problemas enraizados culturalmente’ que transfigura no medo de perder seu espaço na sociedade, reforçando essa ideia pela sua identidade, transformando-se em um sujeito radicalizado. Sobretudo pela resistência em amadurecer e pelo receio de encarar as dificuldades da vida, designando sempre a culpa dos problemas nos outros e nunca enxergando o obstáculo em si e em sua ideologia. Justificando suas

formas de violência pelo senso retórico eugenista de condenação total do indivíduo, configurando-se, em pensamento niilista supremo e, por fim, cooptando jovens como Guilherme e Luiz pelo mesmo recurso discursivo.

5 - CONCLUSÃO

Sob esse aspecto, a união de todas as frases, tanto dos autores do crime, quanto do mentor do fórum, partem da premissa concretizada por Foucault, o sujeito se constroi de diferentes discursos que agem na produção de identidades, isto é, formas de subjetividade que coexistem e se sobrepõem num processo constante do sujeito de se refazer (GREGOLIN, 2004) dessa maneira, o sujeito pode ser percebido por discursos que constroem ideologias diferentes corporificando e legitimando os sentidos de suas ações. Contudo, jovens que são inseridos nessas comunidades ressalvam a proliferação de um ideário masculino inalcançável que, ligeiramente, resulta em argumentações de violência contra o gênero feminino e minorias. Se tudo é fruto do tempo histórico, material e político, é necessário fazer o caminho inverso, mostrar para os homens e jovens que é a partir do método do diálogo que poderão lidar com as problemáticas que envolve a vida e sociedade, ilustrando que buscar uma masculinização tóxica resulta em infortúnios sem volta. Entender essas questões, pode projetar um amadurecimento do que é ser homem e lidar melhor com os obstáculos. Depreendemos que tudo o que ocorreu em Suzano resvalou em todos, tanto nas vítimas e nos assassinos e, no final, ninguém saiu ganhando por meio dessa doutrina.

As noções de discursos condiciona a formação discursiva em prática de produção de sentido e, faz-se indispensável, o uso de processos modalizadores para revogar os efeitos de verdade desses fóruns nesses jovens, por intermédio de terapias psicológicas, debates sobre o tema nas escolas e promoção de diálogos entre os familiares com os jovens.

Tudo começa com brincadeiras e memes, o jovem que se insere-se nesse meio se sente acolhido e, de início pode não concordar com todas concepções expostas

nessas comunidades, até chegar em ponto, no qual, o sujeito pensa e age da mesma maneira, convertendo-se em algo visceral. Existe uma fragmentação nas identidades masculinas, provocadas pela mudança de mundo, e esse sentimento de vazio ao não se sentirem pertencidos, foi preenchido por tendências violentas e conspiradoras desses grupos online. É preciso um esforço coletivo para poder quebrar os sentidos de comunidades extremistas e, somente com essa mesma ideia pode-se cooptar jovens para fazer o caminho contrário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**. Rio de Janeiro: Graal, Paz&Terra, Rio de Janeiro - RJ, 2023.

AMATO, Bruna; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. De Matrix a Suzano: manófera, teoria red pill e o massacre da escola Raul Brasil. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 7, n. 22, 2024.

DE AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. 2013.

DE SOUSA CUNHA, Úrsula Nascimento. Cibercultura e as identidades líquidas: reflexão sobre a cultura na era das novas tecnologias. Pontos de Interrogação—Revista de Crítica Cultural, v. 2, n. 2, p. 157-170, 2012.

DO ROSARIO GREGOLIN, Maria. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 4, p. 11-25, 2007.

ENGELS, F. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Viva Livros, Rio de Janeiro - 2023.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Análise do discurso: reflexões introdutórias. Trilhas Urbanas, 2005.

GIL, A. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, Ed. Atlas, 2002

GREGOLIN, Maria. **Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades**. Comunicação, mídia e consumo, v. 4, p. 11-25, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso - diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004

G1. Redpill, Incel, MGTOW: entenda o que acontece em grupos masculinos que pregam ódio às mulheres. G1, 03 de Março de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/03/03/redpill-incelel-mgtow-entenda-o-que-acontece-em-grupos-masculinos-que-pregam-odio-as-mulheres.ghtml>

G1. Cronologia: Massacre em Suzano. G1, 06 de Outubro de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cronologia-massacre-em-suzano.ghtml>

MITTMAN, S. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: Seminário de estudos em análise de discurso, 2005, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/SolangeMitmann.pdf>>. Acesso em 11 de ago. de 2024.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. Pontes editores, Campinas - SP, 2015.

RODRIGUES, VIVIANE ISABELA. A trajetória histórica da violência de gênero no Brasil. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, v. 1, n. 1, 2018.

SILVA, S. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. Psicologia: Ciência e profissão, v. 20, p. 8-15, 2000.

SILVA, D.; SILVA, F. (orgs.) Pêcheux e Foucault: caminhos cruzados na Análise do Discurso. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

THISOTEINE, George Miguel et al. HOMENS, VIOLÊNCIA E CONSUMISMO: ANÁLISE DA MASCULINIDADE NOS GRUPOS VIRTUAIS MGTOW E DO FILME “CLUBE DA LUTA. Diversidade e Educação, v. 9, n. 1, p. 540-562, 2021.